

## Mundo



**VIOLENCIA NO HAITI**  
Mais de 50 mil já fugiram da capital  
País vive crise política e de segurança que deixou 15 mil mortos desde janeiro



# 'ACONTECE NUMA GUERRA'

## Netanyahu lamenta ataque que matou 7 membros de ONG humanitária; governos criticam Israel

IMAGEM DE GAZA: JERUSALEM

O ataque de Israel contra um comboio de ajuda humanitária da ONG World Central Kitchen (WCK), que deixou sete mortos ao sul de Deir al-Balah, no centro da Faixa de Gaza, desatou críticas da comunidade internacional, com renúncias pelo seu cessar-fogo e pedidos de investigação, e estimulou uma incomum manifestação de desculpas do governo israelense uma semana depois de Conselho de Segurança da ONU aprovar uma resolução cujo pedido de trégua imediata continua ignorado.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, que até agora rejeitou quase inequivocamente todas as críticas sobre a condução do conflito de quase seis meses contra o grupo terrorista Hamas, disse ontem à noite que Israel "lamentava profundamente esse trágico incidente", que descreveu como "não intencional".

—Infelizmente ontem (segunda-feira) aconteceu um incidente trágico, as nossas forças atingiram involuntariamente pessoas inocentes na Faixa de Gaza. Isto acontece numa guerra (...), estamos em contato com os governos e faremos tudo o possível para que isso não aconteça novamente — declarou ele no hospital onde foi submetido a uma cirurgia no domingo para tratar uma hérnia.

### 240 DE COMIDA VOLTAM

Os sete funcionários mortos da WCK — uma australiana, três britânicos, um canadense-americano, um palestino e um polonês — viajavam em veículos claramente identificados quando ficaram sob fogo. Segundo a ONG — que tem sede nos EUA e entrega ajuda alimentar a Gaza utilizando um corredor marítimo entre Chipre e o enclave — a equipe foi atingida ao partir em três veículos após descarregar mais de 100 toneladas de suprimentos em um armazém, apesar de ter sido ordenado seu movimento no território por Israel. As outras 240 toneladas ainda não descarregadas foram retomadas a Chipre. Ainda não está claro que



Abaixo, parentes e amigos se reúnem em Rafah, junto ao corpo de Salf Abu Taha, palestino membro da equipe da World Central Kitchen atacada por Israel



Risco. Equipe da ONU inspeciona destroços de um carro da ONG World Central Kitchen destruído em Deir al-Balah

tipo de munição atingiu o comboio nem se foi lançada de terra, por avião ou drone.

Após o ataque, a organização fundada pelo chef hispano-americano José Andrés e a American Near East Refugee Aid anunciaram a interrupção de suas operações em Gaza, que, até 20 de março, já registrou ao menos 196 funcionários de trabalhos humanitários mortos desde o início da guerra, segundo a ONU.

—Estou com o coração parti-

do e de luto pelas famílias e amigos e por toda a família", escreveu o chefe. "O governo israelense deve parar com essa matança indiscriminada. Deve parar de restringir a ajuda humanitária, parar de matar civis e trabalhadores humanitários e parar de usar os alimentos como arma".

Erin Gore, a CEO da ONG humanitária, também foi contundente em sua crítica a Israel: "Isto não é somente um ataque contra a WCK, isto é um

ataque contra organizações humanitárias que atuam nas situações mais difíceis em que a comida é usada como arma de guerra. Isto é imperdoável". Israel nega usar alimentos como arma de guerra e justifica o controle da entrada de ajuda humanitária em Gaza como forma de impedir a chegada de recursos para o Hamas escondidos no meio dos pacotes levando itens básicos à região.

Em um vídeo publicado na

manhã de ontem, o principal porta-voz militar de Israel, Daniel Hagari, afirmou que o país está "comprometido em examinar" as próprias operações e disse que uma investigação seria aberta com participação de especialistas independentes.

—Isso ajudará a reduzir o risco de tal evento ocorrer novamente — disse Hagari, que afirmou ter conversado com o chefe José Andrés para expressar suas más "profundas condolências", acrescentando que a ONG também atuou em Israel após o ataque do Hamas ao país em 7 de outubro.

### 33 MIL MORTOS EM GAZA

Na data mencionada, o grupo deu conta de 1,2 mil mortos, a maioria civil, e fez quase 240 reféns ao invadir o sul israelense. Dos reféns, 102 permanecem em cativeiro, onde estimativas israelenses indicam também estarem 34 corpos. Em retaliação ao ataque terrorista, Israel reforçou o cerco ao território e iniciou uma ofensiva aérea e terrestre, que deixou quase 33 mil mortos, em sua maioria mulheres e menores, segundo o Ministério de Saúde de Gaza, território que é controlado pelo Hamas desde 2007. Segundo a ONU, por causa da crise humanitária agravada pelo cerco, os 2,3 mi-

lhões de habitantes do território estão em risco de fome. Os Estados Unidos, principal aliado de Israel, exigiram uma investigação "rápida e imparcial" sobre o ocorrido, disse o secretário de Estado, Antony Blinken. A Casa Branca afirmou estar "indignada" e indicou que transmitirá "uma mensagem clara a Israel de que os trabalhadores humanitários devem ser protegidos".

### PEDIDO DE CESSAR-FOGO

O governo britânico convocou o embaixador israelense para expressar sua "condenação inequívoca". Na Polónia, o vice-chanceler, Andrzej Szepietowski, disse que Israel deveria "indenizar" as famílias das vítimas. A Austrália denunciou o ato como "completamente inaceitável". Ao responsabilizar o Estado judeu, líderes europeus exigiram uma investigação sobre o ataque e reforçaram o pedido de respeito ao direito internacional dentro do conflito no enclave palestino.

"Apesar de todas as exigências para proteger os civis e os trabalhadores humanitários, assistimos a novas vítimas inocentes. Isto mostra que a resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas que pede um cessar-fogo imediato, um acesso humanitário total e uma proteção reforçada dos civis deve ser imediatamente implementada", escreveu o chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell, em nota no X (antigo Twitter).

O representante para gestão de crises do bloco, Janez Lenarčič, foi mais direto ao condenar o ataque:

"Condeno mais um ataque mortal contra trabalhadores humanitários em Gaza. Isso deve parar. Cessar-fogo agora", escreveu.

O incidente com a equipe da WCK ocorreu no mesmo dia em que Israel anunciou a retirada de seus soldados do Hospital al-Shifa, em Gaza, após uma operação de duas semanas em que afirma ter matado cerca de 200 membros do Hamas e da Jihad Islâmica. Um porta-voz da agência de defesa civil de Gaza, porém, relatou ao menos 300 mortes. Segundo as autoridades palestinas e médicos locais, muitas das vítimas eram civis.

## Em meio às bombas, 350 mil refeições por dia em Gaza

World Central Kitchen foi a primeira ONG a enviar comida ao enclave, onde ONU estima haver 2,2 milhões de pessoas à beira da fome

REPORTAGEM

A World Central Kitchen (WCK) é uma das organizações responsáveis pelo envio de auxílio alimentar para Gaza com navios que partem da nação mediterrânea de Chipre. A ONG, sediada nos EUA e liderada pelo chef hispano-americano José Andrés, foi a primeira a enviar remessas

para o enclave palestino através de corredor marítimo, em parceria com a ONG Open Arms. A WCK conta com equipes em Gaza desde o início da guerra entre Hamas e Israel, em 7 de outubro, e chegou a construir um cais — cuja localização não foi divulgada por razões de segurança — para descarregar a ajuda. Entre as cente-

nas de toneladas de alimentos transportados, há produtos como arroz, farinha, legumes, vegetais enlatados e proteínas, distribuídos pela organização. —Estamos tentando fazer o impossível — disse Andrés, sobre a construção do cais. —Vale a pena tentar o impossível para alimentar a população de Gaza. São 63 cozinhas comuni-

tárias na região e cerca de 350 mil refeições distribuídas diariamente. Os organizadores e cozinheiros palestinos que trabalham com a WCK já serviram mais de 32 milhões de refeições em Gaza, segundo o grupo. Após quase seis meses de guerra, a ONU estima que 2,2 milhões de pessoas, a grande maioria da população, estejam ameaçadas

pela fome em Gaza, especialmente no norte do enclave, onde destruição, combates e saques tornam quase impossível o transporte de ajuda humanitária. Para Andrés, levar alimentos e ajuda para Gaza tem sido assustador. A WCK também tem recorrido ao fornecimento de ajuda por meio de lançamentos aéreos com a Força Aé-

rea Real da Jordânia, prática condenada por algumas organizações e que já levou a mortes por afogamento. Andrés fundou a organização após o terremoto de 2010 no Haiti, que matou cerca de 300 mil pessoas. Desde então, ele respondeu a vários desastres naturais e guerras nos EUA e no exterior. A associação serviu milhões de refeições em 2017 para os portorriquenhos afetados pelo furacão Maria, para os ucranianos afetados pela guerra contra a Rússia e, mais recentemente, para as pessoas que estavam lidando com incêndios no Chile e no Texas.